

ENSINO DE LITERATURA

O PRISMA CLÁSSICO E MODERNO DE METÁFORA

Vanessa da Silva Britto (UERJ)
vanestar@ig.com.br

INTRODUÇÃO

Desde a época retórica, a metáfora é vista como um ornamento, servindo-se preferencialmente para embelezar o discurso e destacar a poesia. Baseando-se em Aristóteles (1995), mostraremos esse cenário, comentando sobre o belo e a obscuridade metafórica e sua influência no meio acadêmico.

A seguir, baseando-se na obra *Metáforas da Vida Cotidiana* de Lakoff e Johnson (2002), na obra *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind* de Lakoff (1987) e em *“The body on the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason”* de Johnson (1987), apresentaremos um novo panorama, resultante da valorização do pensamento como um todo. A metáfora não é algo acessório, mas sim essencial na constituição do nosso próprio ser. Nessa questão, o corpo é central para se entender como nós somos motivados cognitivamente em termos de nossa movimentação espacial, ontológica e estrutural.

Refletir sobre a metáfora é perceber como nós idealizamos e manifestamos os modelos na sociedade. É ir além da mera descrição retórica e passar a vê-la no nosso cotidiano. Para isso, citamos várias expressões do dia-a-dia do mundo político, social e publicitário.

Assim, a metáfora faz parte não só do nosso sentir, mas também do nosso agir enquanto seres dotados de racionalidade, pensando e (re)construindo horizontes.

PRINCÍPIOS DA TEORIA CLÁSSICA DE METÁFORA

Ao tratarmos das concepções de metáfora de Aristóteles (1995), somos imbuídos por um espírito científico que nos conduz a questionar a cada instante as noções estabelecidas por muitos autores, decorrentes do pensamento da metáfora como uma transferência de significado. Assim, como cientistas da linguagem, não podemos

aceitar tudo o que é transmitido desde a Grécia Antiga, tampouco desconsiderar o valioso legado. Dessa maneira, nós reconhecemos as contribuições da Antiguidade Clássica quanto ao exercício constante da filosofia na retórica e na poesia e destacamos o grande estímulo dado às pesquisas posteriores.

O belo e a obscuridade metafórica

Ao escrever “Arte Retórica”, Aristóteles (1995) discute na oratória as virtudes de um bom orador, aprofundando questões relativas à argumentação, pois na época em que vivia a arte de falar era tão valorizada como hoje em dia pelos políticos. Já em “Arte Poética”, com uma sensibilidade perspicaz, o mestre transmite os princípios poéticos, revelando sua preocupação com o belo, com o prazer e com a elocução.

Nessas obras, a metáfora é um espelho da estética, da arte do “bem falar” ou de tornar a linguagem nobre, atraindo e conduzindo os ouvintes ao despertar das paixões ou do desejo contido nos entremeios da linguagem, considerando que uma de suas características é dar ao “*estilo um ar estrangeiro, uma vez que os homens admiram o que vem de longe e que a admiração causa prazer*” (1996, p. 176).

Por outro lado, o filósofo transmite que o excesso de metáforas é visto como prejudicial no discurso e na poesia devido à difícil assimilação pelo leitor ou ouvinte e à obscuridade inerente. Considerada um enigma, a metáfora deve ser usada com cautela, preservando-se assim a clareza textual. Aristóteles (1995) ratifica isso ao comentar sobre a a elocução e o cuidado que se deve ter com a reunião de “termos absurdos”:

A elocução mantém-se nobre e evita a vulgaridade, usando vocábulos peregrinos (chamo peregrinos aos termos dialetais), a metáfora, os alongamentos, em suma tudo o que se afasta da linguagem corrente. Se, porém, o estilo comportar apenas vocábulo deste gênero, torna-se enigmático, pelo abuso das metáforas; bárbaro, pelo uso dos termos dialetais. Uma forma do enigma consiste em exprimir o que é, mas reunindo termos absurdos. Isso não é possível pela reunião dos vocábulos, mas só pela metáfora... (Aristóteles, 2005, p. 77)

Nesse trecho, também, podemos aferir o distanciamento da metáfora em relação à linguagem do dia-a-dia. Ao usar o pronome

ENSINO DE LITERATURA

com valor apositivo “tudo”, podemos perceber em termos referenciais que a metáfora e os outros elementos citados são vistos como afastados da linguagem coloquial.

Entretanto, na “Arte Retórica”, Aristóteles (1995) declara que a metáfora é usada no cotidiano, revelando que “não há ninguém que na conversação corrente não se sirva de metáforas, dos termos próprios e dos vocábulos usuais”.

Assim, podemos constatar que Aristóteles (1995) está consciente da metáfora no dia-a-dia, mas prefere destacar a literatura como fonte predominante de metáforas, ressaltando a poesia. Essa visão é tão marcante que repercute em muitas obras sobre estilística conforme veremos a seguir.

A influência de Aristóteles

Desde antes de Cristo, a metáfora é vista como algo deslocado da realidade. Estudando sua etimologia grega, podemos notar os significados “mudança, transposição”, ratificada na idéia de transferência de significado proveniente da proposição de Aristóteles no capítulo XXI do livro “Arte Poética”: “*a metáfora é a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por via da analogia*” (2005, p. 74-75). Houaiss (2001, p. 1907) denomina esse processo de “*transposição de sentido próprio ao figurado*”.

A partir disso, podemos pensar nas seguintes noções: denotação x conotação, concreto x abstrato, literal x figurado, usando a base de concepção tradicional expressa por Filipak (1983), Monteiro (2005), Câmara Jr. (1986) e Fiorin e Savioli (2006).

Baseando-se em Aristóteles e seus seguidores, Filipak (1983) expressa a metáfora em termos de semelhança poética e esclarece que há dois campos onde podemos encontrá-la: a retórica e a poética. Em ambos, a metáfora consiste na transferência de sentido de palavras. Além disso, distingue a denotação e a conotação, expressando que enquanto esta é subjetiva, acessória, idiossincrática e ideológica, presente na poética, aquela é técnica, científica, filosófica, pragmáti-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ca, lógica e nocional, existente na retórica (1983, p. 9, 154). Associado a esses termos, o sentido de literal traz à tona as metáforas linguísticas de cunho conceptual e denotativo, e o figurado corresponde à linguagem metafórica ou conotativa e ao emocional (1983, p. 34).

Apoiado nas funções de representação, manifestação psíquica e apelo de Bühler, Câmara Jr. (2004, p. 175) mostra posição semelhante a essa visão expressiva, quando afirma que “*a solução para introduzir os elementos emocionais no sistema intelectualivo da língua está na base do estilo, em última análise*” e define a Estilística como “*disciplina linguística que estuda a expressão em seu sentido estrito de expressividade da linguagem, isto é, a sua capacidade de emocionar e sugerir*” (1986, p. 110).

Já Monteiro (2005) contrapõe-se a Filipak (1983) ao prudentemente não estabelecer relação direta entre a conotação e o figurado, mas sim esclarecer que há conotações marcadas por palavras de sentido próprio, conforme a observação:

Costuma-se às vezes identificar a conotação com a linguagem figurada, o que só é verdade em parte: as conotações também existem em lexemas empregados em sentido próprio e podem anular-se em inúmeras metáforas desgastadas pelo uso (2005, p. 55).

Savioli e Fiorin (2006, p. 114) manifestam a tese de que há dois planos: conteúdo (significado) e expressão (significante) no significado denotativo de todas as palavras. Defendem que um termo pode vir carregado de valores sociais e impressões psíquicas. Dessa maneira, a conotação seria o acréscimo ideológico e afetivo à palavra.

Assim, podemos perceber que os autores preocupam-se com o afetivo e o inusitado, tendo em mente certa classificação em relação ao que é expressivo e não-expressivo que, segundo Discini (2004, p. 16), corresponde à perspectiva de desvio da Arte Retórica, corroborando o que expomos nesse capítulo.

ENSINO DE LITERATURA

TENDÊNCIAS DA TEORIA CONTEMPORÂNEA DE METÁFORA

Ao longo do tempo, os estudos de metáfora têm se intensificado, principalmente nos Estados Unidos onde emerge uma nova corrente inspirada nos ideais sociocognitivos: “A teoria da metáfora conceptual”. Nessa base, estão presentes os princípios que consistem na metáfora como um recurso da nossa mente e do nosso cotidiano. O corpo exerce papel fundamental no significado, na imaginação e na razão. Dessa maneira, a experiência humana de base corporal e mental é central no processo metafórico cuja essência reside na compreensão do ser humano como um todo. É a partir dessa fundamentação que percorreremos a trilha de Lakoff e Johnson (2002), Lakoff (1987) e Johnson (1987) e seus expoentes, atentando-se à concepção de cunho corporal, aos modelos cognitivos idealizados e à noção estrutural, orientacional e ontológica.

Fundamentos da teoria da metáfora conceptual

A tendência atual da metáfora contempla o pensamento humano, relacionando metáfora à cognição e valorizando sobretudo a interação entre os seres numa perspectiva construtivista. Esse recurso conceptual não é algo estático, mas sim dinâmico. Tem propriedades protípicas decorrentes do relacionamento do ser com o seu meio e com o seu próprio corpo. O modo de raciocínio é conduzido por uma visão encorpada da realidade.

Dessa maneira, a metáfora não é um conjunto de desvios de regras, tampouco é a manipulação mecânica de símbolos abstratos numa sequência lógica. É natural, pois ocorre dentro das capacidades humanas imaginativas no processo de raciocínio experiencial, conforme testemunha Taylor (1995, p. 132):

Metaphor is not understood as a speaker's violation of rules of competence. Rather, the cognitive paradigm sees metaphor as a means whereby ever more abstract and intangible areas of experience can be conceptualized in terms of the familiar and concrete. Metaphor is thus motivated by a search for understanding¹⁰.

¹⁰ A metáfora não é compreendida como uma violação de regras de competência. Ou melhor, o paradigma cognitivo vê a metáfora como um meio onde áreas de experiência mais abstrata e

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

VISÃO OBJETIVISTA	VISÃO EXPERIENCIALISTA
• O pensamento é a manipulação mecânica de símbolos abstratos	• O pensamento é imaginativo
• A mente é uma máquina abstrata	• A mente é experiencial
• Os símbolos são representações internas da realidade externa	• Os conceitos vão além do literal ou da representação da realidade externa
• Os símbolos são independentes das propriedades dos seres	• O sistema conceptual é diretamente relacionado à percepção, ao movimento do corpo e à experiência física e social
• O pensamento é abstrato e desencorpado	• O pensamento é abstrato e encorpado

Essa concepção é ampliada por Lakoff e Johnson (2002, p. 45) em “*Metáforas da Vida Cotidiana*” quando argumentam que não só o nosso pensamento é metafórico, mas também o nosso agir. Quando estamos numa discussão, por exemplo, atacamos ou defendemos alguém com afirmações que supostamente esperamos serem indefensáveis. Isso é muito comum na época eleitoral, tendo em vista que o léxico relacionado à guerra aparece com mais facilidade, transparecendo as reações dos candidatos diante do ato de ganhar ou perder uma discussão num debate político.

Em sua obra “*Women, fire and dangerous things: what categories reveal about mind*”, Lakoff (1987) desenvolve um estudo aprofundado da metáfora, refletindo sobre as categorias e modelos cognitivos e suas implicações filosóficas. Aponta os aspectos da visão objetivista da teoria tradicional e os tópicos primordiais da linha conceptual, conforme sintetizamos no quadro seguinte:

• O pensamento é atômico, ou seja, manipulado por regras e lógico	• O pensamento não é atômico, pois os conceitos vão além das regras gerais
---	--

Lakoff (1987) admite que há certos princípios compartilhados, tais como a existência do mundo real, o reconhecimento da realidade na projeção dos conceitos e a presença de conhecimento estável do mundo. Ambas tratam dos conceitos abstratos, mas a distinção reside no modo de conceber essa realidade. Para a visão clássica, nós somos regidos por símbolos inquestionáveis, que existem independentemente do corpo, transcendendo nossa capacidade de raciocínio. Já a visão experiencialista contempla o corpo na potencializa-

intangível podem ser conceptualizadas em termos do familiar e concreto. A metáfora é logo motivada por uma procura pela compreensão.

ENSINO DE LITERATURA

ção da nossa razão, ressaltando a aliança entre o abstrato e o criativo e o pensamento sobre coisas concretas.

A visão objetivista segue uma abordagem parecida com o método de ensino tradicional: o aluno é visto como receptor de informações. Com a crença de que há uma verdade absoluta e universal e um discente vazio de informações, muitos professores sentem-se detentores do poder do conhecimento. Da mesma maneira, os objetivistas tratam a linguagem cotidiana como literal e lógica e veem a metáfora como um canal de transmissão conforme a tese de Cormac (1985, p. 60): “*Objectivists who claim that ordinary language is literal necessarily adopt (often unconsciously) the conduit metaphor, which assumes that knowledge is objectlike and can fill the containers of our minds*”¹¹.

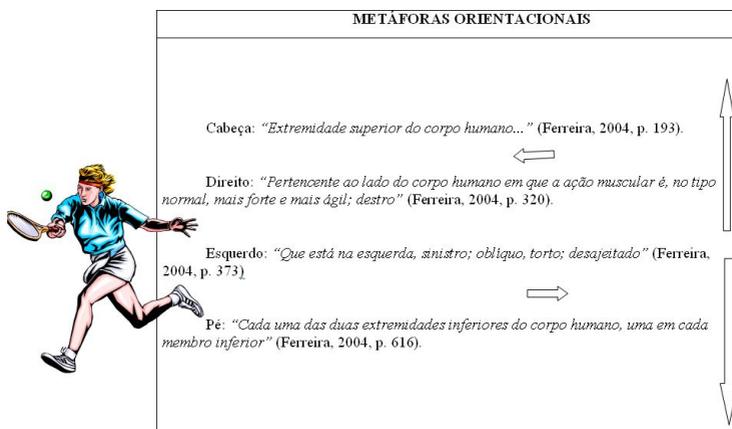
Ortony (1993) chama a abordagem objetivista de “não-construtivista” e a experiencialista de “construtivista”, tendo em vista que enquanto esta destaca o contexto da interação do corpo no ambiente, aquela se centra na informação absorvida na memória. O âmbito aristotélico vê a ciência como precisa, literal e racional, em que se busca uma linguagem sem ambiguidade. Já a epistemologia inscreve-se no campo sociohistórico do indivíduo, havendo uma necessidade de ir além do conteúdo fornecido.

Como progressivamente renovamos o pensar e o agir, de forma automática e inconsciente (Lakoff, 1987, p. 6), não percebemos o modo como organizamos o que está ao nosso redor. Desde a nossa infância, categorizamos as coisas, as pessoas e os animais a partir de nossas sensações cinestésicas, visuais, auditivas, olfativas, tácteis e gustativas (Macedo e Bussons, 2006, p. 33). Durante o processo de envelhecimento, os eventos, as ações, as emoções, os relacionamentos espaciais e sociais associados às entidades abstratas são designados em termos de nossas experiências científicas e cotidianas, como nosso comportamento perante a política e a saúde.

Ao nos posicionarmos diante dos acontecimentos, frequentemente usamos o corpo, como as categorizações decorrentes de nossa

¹¹ Os objetivistas que dizem que a linguagem comum é literal necessariamente adotam (inconscientemente frequente) a metáfora condutora, que assume que conhecimento é de maneira objetiva e pode preencher os recipientes de nossas mentes.

expansão espacial, tais como “Esse candidato está acima de minhas expectativas”, “Você está abaixo de mim”, “A Bolsa está em alta”, “O político é o braço direito do povo”, “Estou dentro do partido da esquerda”, “Deixe os problemas do governo anterior para trás” e “Vamos seguir em frente, vencendo o medo”, conforme o desenho abaixo:



Essas expressões são exemplos de metáfora orientacional, indicando que algo está na nossa frente, atrás ou nos lados. Assim, transmitem nitidamente nossa movimentação diante dos fatos e nosso corpo como o principal referencial cognitivo, tendo em vista que

A categorização é consequência das nossas especificidades corpóreas, sendo que os tipos de categorizações que fazemos resultam do tipo de cérebro que possuímos e das interações e ações que desempenhamos no mundo. (Macedo e Bussons, 2006, p. 29).

Além das metáforas orientacionais, Lakoff e Johnson (2002) expressam que existem as metáforas ontológicas, baseadas na observação dos eventos, das atividades, emoções e idéias como entidades. Quando citamos o exemplo político “A Bolsa está em alta” não só atestamos a existência de uma indicação espacial, mas também de uma personificação, em que a instituição financeira foi concebida como alguém que está sendo bem-sucedido e gerando rentabilidade para seus investidores.

ENSINO DE LITERATURA

Na expressão “*Estou dentro do partido da esquerda*”, podemos perceber a metáfora orientacional relacionada à concepção de que a pessoa não apóia o partido do governo, tendo outras convicções e posicionando-se contra. Aliado a isso, verificamos o advérbio “dentro”, expressando o espaço em que a pessoa está inserida e, por conseguinte, ratificando a metáfora ontológica do recipiente.

Nesses exemplos, podemos perceber o que Johnson (1987, p. 98-99) designa de “criatividade” da nossa imaginação por meio de projeção de uma estrutura com entidades abstratas, contribuindo para o processo pelo qual nossa experiência e nossa compreensão são estruturadas com estilo significativo e coerente.

Assim, podemos constatar que a teoria da metáfora conceptual se inscreve numa ambiente propício à manifestação do nosso corpo no cenário sociopolítico e cultural. Seus princípios assentam-se no nosso pensamento metafórico, essencialmente encorpado, imaginativo, cognitivo e, principalmente, vivencial.

Os modelos cognitivos idealizados

Lakoff (1987, p. 7) atribui à Eleanor Rosch o pioneirismo no trabalho da categorização. Ela é uma pesquisadora reconhecida pelos seus estudos a respeito dos protótipos e pelos seus questionamentos sobre a teoria clássica. A autora problematiza a tradicional abordagem de metáfora, apontando as seguintes questões: o compartilhamento de propriedades entre os seres e a independência das categorias em relação ao homem. Dessa maneira, a partir de seus estudos, as críticas ao antigo paradigma se acentuam e um horizonte mais amplo é avistado.

O novo campo de visão valoriza o modo como organizamos os conhecimentos por meio de “modelos cognitivos idealizados”, ou ICMs¹², que consistem em uma forma complexa: a gestalt, baseada em quatro tipos estruturais instituídos em termos dos modelos de Filmore, da gramática cognitiva de Langacker, dos mapeamentos metafóricos e metonímicos de Lakoff e Johnson. É interessante notar

¹² Sigla em inglês representante da expressão “Idealized Cognitive Models”.

que cada modelo cognitivo estrutura um espaço mental como expresso por Fauconnier (Lakoff, 1987, p. 68).

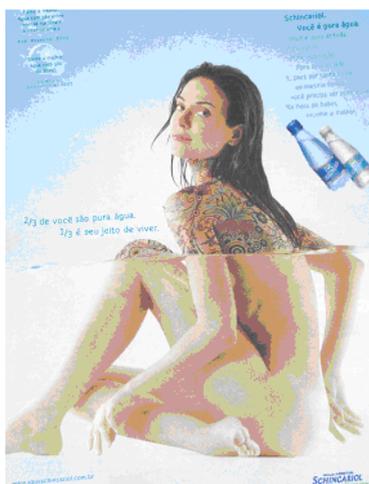
Em seu livro “Mental spaces”, Fauconnier (1994) defende que nós pensamos em termos de espaços dos Inputs 1 e 2 do concreto e do abstrato, de que há um espaço genérico e de que há um espaço de mesclagem onde sintetizaríamos o que queremos transmitir. Enquanto isso, Lakoff e Johnson (2002) usam uma abordagem simplificada por meio das designações “domínio fonte” para o representante de algo e “domínio alvo” para o que é expresso. Diante disso, ambos expressam as correspondências em termos de espaços mentais, seja de maneira multidimensional ou bidirecional.

Para compreendermos melhor isso, pensemos em efeitos prototípicos comuns no nosso dia-a-dia. Um bom exemplo é dado por Lakoff (1987) quando nos ensina que mãe pode ter várias acepções, dependendo do contexto. Há vários modos de ver a figura materna: o modelo genético da mãe que gerou a criança, a mãe doadora de leite, a mãe esposa, a mãe adotiva. Recorrendo ao dicionário Aurélio, podemos perceber que mãe é vista preferencialmente pelo modelo genético, tendo em vista que é “mulher ou fêmea que deu à luz um ou mais filhos” e é “fonte, origem” (Ferreira, 2004, p. 528).

Exemplos metafóricos de “mãe” podem ser justificados pelo princípio ideológico do modelo do domínio fonte “mãe biológica”. Quando declaramos que “a empresa x é uma mãe”, podemos perceber o tratamento carinhoso e bem acolhedor próprio da relação familiar (domínio alvo). Já na frase de Lakoff (1987, p. 76) “necessidade é a mãe da invenção”, podemos ratificar que o representante “mãe” está sendo usado no sentido de fonte de estímulo (domínio alvo).

No nosso cotidiano, podemos encontrar outros exemplos, principalmente na publicidade, quando há identificação ideológica entre a empresa e o público-alvo. Nessa questão, a metáfora é uma grande aliada na transmissão criativa de idéias conceptualizadas em termos do que se quer exibir. Vejamos o anúncio abaixo:

ENSINO DE LITERATURA



Veja. Edição. 2048, Ano 41, n° 7, 20 fev. 2008.

Ao contemplarmos esse anúncio, podemos perceber que há o argumento de autoridade e há o argumento de provas concretas, envolvendo informações de cunho mercadológico e científico.

O argumento de autoridade envolve as proposições “*Eleita a melhor água com gás entre marcas nacionais e internacionais*” e “*Eleita a melhor água com gás do Brasil*”, dando certa credibilidade ao produto.

Em termos de provas concretas, há o dado científico de que 2/3 do nosso corpo é formado por água. Isso é usufruído pela associação entre a água mineral e o corpo da mulher, indicando a pureza da água e a personalidade no que concerne ao estilo de vida.

A Schincariol parte do pressuposto de que a maior parte do corpo humano é constituída de água, que sendo insípida, inodora e incolor, transmite uma idéia de nitidez. Por não haver nada que se misture a ela, não há contaminação e, por conseguinte, a noção de saúde também se faz presente.

Para ratificar a identidade entre a empresa e o ser, expressões categóricas são usadas para causar um efeito de afirmação perante o mundo: “*you are pure attitude*”, “*pure style*”, “*pure inspiration*”, “*pure creativity*”, “*you need to be pure water*”. Ao pôr o adjetivo

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

“puro (a)” relacionado aos substantivos destacados, cria-se uma necessidade de beber a água.

Isso é ratificado pela mulher que se posiciona, olha e ocupa o seu lugar dentro do seu contexto de vida. Para expressar isso, a metáfora ontológica do recipiente é intensamente explorada, pois a mulher está num espaço onde a relação entre o corpo (domínio fonte) e as características do ser (domínio alvo) é transparecida. Na imagem, a tatuagem é o modelo cognitivo idealizado da personalidade ou de 1/3 do seu jeito de viver e a água por sua pureza é responsável pela renovação de 2/3 do corpo.

Outro exemplo de modelo cognitivo idealizado é o anúncio da empresa “Terra”, em que se usam os olhos na demonstração da programação:



Revista Isto é. Ano 31. n° 1998. 20 fev. 2008.

Ao observarmos esse anúncio, somos conduzidos mais uma vez pela metáfora do recipiente, já que há o modelo cognitivo idealizado da informação que está implícita no ato da visão. Por ser a parte do corpo em que transmitimos nossa sensibilidade e nossa reação diante do que presenciamos, os olhos conhecidos como “espelhos da alma” retratam junto com o cérebro todo o nosso conhecimento de mundo.

Há também a idéia do telespectador que assisti aos filmes e seriados e guarda a recordação da história. Observando a figura, os

ENSINO DE LITERATURA

olhos têm compartimentos com cada canal que, por sua vez, tem o filme e seriado visto. Isso é ratificado pelo universo da Internet que oferece várias possibilidades, mas o destaque é a “Terra”, considerando a mensagem: *“Terra TV. Os melhores filmes e seriados de graça na sua internet”*.

Diante desses dois exemplos de publicidade, podemos perceber que o modelo cognitivo idealizado da metáfora está associado ao ser humano sintonizado frente ao seu tempo, usando o corpo como meio de projeção. Assim, podemos concordar com a seguinte tese de Chiavegatto (2002, p. 139):

A organização e a compreensão de muitas construções linguísticas são projeções de correspondências metafóricas que processamos entre domínios conceptuais. Há projeções figurativas, especialmente calcadas nas já referidas relações de expansão de um corpo humano interagindo no espaço, que nos mostram que os processos figurativos não são fenômenos puramente linguísticos, mas fundamentalmente cognitivos.

CONCLUSÃO

Após a leitura de vários livros e a análise do corpus publicitário e das expressões cotidianas, podemos perceber que a metáfora não é simplesmente um ornamento poético, mas sim um processo da constituição do nosso próprio pensamento.

Ao vermos diacronicamente por meio de Aristóteles (1995) até os dias atuais com Lakoff e Johnson (2002), podemos perceber que a metáfora passou do status exclusivamente imaginativo para se situar também no campo da razão, sendo perceptível na projeção do nosso corpo para expressarmos nossas abstrações. Além disso, como seres dotados de racionalidade, somos capazes de extrair coisas do nosso cotidiano para associarmos metaforicamente ao que queremos transmitir. Isso pode ser constatado na seguinte proposição de Vilela (2002, p. 103):

A metáfora deixou de se situar (ou de se situar exclusivamente) na “emoção” e passou a ser vista na condição cognitiva. Nós fazemos da nossa capacidade de compreensão a “medida” da realidade. O “nosso” mundo não compreende a totalidade do mundo, mas o “mundo” que pintamos com a linguagem e a metáfora mostra a tendência do homem em projetar-se nas coisas em vez de as representar ou descrever. E aqui se

insere a explicação cognitiva da metáfora: explicação ligada ao passado e ainda explicação inovadora em relação à tradição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

———. *Arte poética*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

———. *Dicionário de linguística e gramática*. 23ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CHIAVEGATTO, Valeria Coelho. Gramática: uma perspectiva sociocognitiva. In: ——. *Pistas e Travessias II: bases para o estudo da gramática, da cognição e da interação*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

CORMAC, Earl R. Mac. *A cognitive theory of metaphor*. Estados Unidos: Massachusetts, 1985.

DISCINI, Norman. *O estilo nos textos: histórias em quadrinhos, mídia e literatura*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FAUCONNIER, Gilles. *Mental Spaces: Aspects of Meaning Construction in Natural Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. 6ª ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FILIPAK, Francisco. *Teoria da metáfora*. Curitiba: HDV, 1983.

FIORIN, José Luiz, SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto: leitura e redação*. 16ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISTO É. Ano 31. nº 1998. 20 fev. 2008.

ENSINO DE LITERATURA

JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Estados Unidos: Universidade de Chicago, 1987.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Estados Unidos: Universidade de Chicago, 1987.

———; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Campinas: EDUC e Mercado das Letras, 2002.

MACEDO, Ana Cristina Pelosi de, BUSSONS, Aline Freitas. *Faces da metáfora*. Fortaleza: Expressão, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MONTEIRO, José Lemos. *A estilística: manual de análise e criação do estilo literário*. Petrópolis: Vozes, 2005.

ORTONY, Andrew (org). *Metaphor and Thought*. 2ª ed. Estados Unidos: Universidade de Cambridge, 1993.

TAYLOR, John R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. 2ª ed. Estados Unidos: Oxford, 1995.

VEJA. Ano 41, Ed. 2048, nº 7, 20 fev. 2008.

VILELA, Mário. *Metáforas do nosso tempo*. Portugal: Almedina, 2002.